

### **A América Pós-Absolvição: Como César Matou Brutus**

Alfredo Valladão

O julgamento público do caso entre Bill Clinton e Monica Lewinski veio alterar os equilíbrios de forças no seio das instituições políticas americanas. O carisma e a popularidade do presidente garantiram-lhe a absolvição. A América e o mundo assistiram à luta do Senado republicano contra o imperador populista. O imperador venceu.

O "caso Monica Lewinski" possui todos os ingredientes de um grande drama americano: sexo, mentira, ambição, religião, imponentes batalhas jurídicas e a repercussão mundial dos ódios e círculos eleitorais do microcosmo político da cidade de Washington. O desfecho desta segunda tentativa de destituição na história dos Estados Unidos também foi dos mais tradicionais: a absolvição do presidente. Um elemento no entanto fugiu à tradição. O veredicto do Senado, constituído em tribunal, deveu-se muito mais à consistente pressão da opinião pública, profundamente hostil à destituição de Clinton, do que ao debate argumentado e grave que alguns esperavam por parte desta augusta instituição, nem que fosse para salvar as aparências.

A vontade da plebe, expressa nas sondagens, coagiu abertamente os senadores. O que havia sucedido no campo da justiça comum com o processo e a absolvição de O. J. Simpson confirmou-se no próprio coração dos equilíbrios constitucionais americanos: doravante, o carisma de uma personalidade pública, vinculado a um forte sentimento popular por intermédio das novas tecnologias da informação, desempenhará um papel político permanente no quadro institucional americano. Políticos carismáticos sempre existiram, e não só nos Estados Unidos. Nunca tiveram, porém, tantos instrumentos à sua disposição para estabelecer um contacto e um diálogo directo com populações inteiras, por cima - e ignorando - os corpos intermediários como os partidos ou as instâncias e administrações políticas locais ou regionais. As conversas radiofónicas "ao pé da lareira" de Franklin D. Roosevelt parecem hoje meros balbúcios comparados com os town hall meetings televisivos e os consultores de relações públicas de Bill Clinton.

### **Relação de forças alterada**

Na verdade, esta nova forma de poder está de facto a alterar o funcionamento dos poderes públicos nos Estados Unidos tais como foram definidos pelo espírito da Constituição. No fim do século XVIII, os Founding Fathers da república americana, profundamente desconfiados dos abusos de poder que sempre acompanham um Executivo forte, construíram uma máquina institucional organizada em torno da preeminência do Legislativo e cujo funcionamento, baseado num sistema de checks and balances entre o Congresso, a Presidência e o Supremo Tribunal, deveria ser deliberadamente difícil e trabalhoso.

A Carta Magna americana foi pensada como uma apólice de seguro de vida democrático contra as tentações autoritárias. Paradoxalmente, o caso Lewinski revelou que os tempos mudaram: a derrota do Congresso republicano na sua campanha para destituir o presidente modificou, em favor do Executivo, a relação de forças entre os três poderes. Carisma e comunicação não explicam tudo. A guerra perdida pelo Congresso foi declarada pelo mesmo Congresso. Durante os dois anos da crise, vários foram aqueles que consideraram os acontecimentos uma

verdadeira tentativa de golpe constitucional da direita republicana, que nunca aceitou a legitimidade de um presidente eleito e reeleito. A linguagem moralizadora dos adversários de Clinton, anunciando o fim dos valores e do próprio sentido da República americana caso o presidente não fosse destituído, ecoava velhos temas de outras eras: senadores romanos - Catões ou hipócritas, tal qual os seus actuais sucessores - esbravejando contra um César que finca pé na opinião pública.

O Senado republicano contra o imperador populista. A tradicional aristocracia nacional contra os homini novi, os novos ricos da expansão imperial. Só que, desta vez, Brutus - Newt Gingrich - errou a facada. Não foi preciso um Marco António para mobilizar o povo contra os assassinos, o próprio Bill-César deu conta do recado, com a preciosa ajuda da esposa que, como todos aprendemos, está, por definição, "acima de qualquer suspeita".

## **A nova raça de presidenciais**

O que aconteceu nos Estados Unidos foi uma tentativa, quase desesperada e portanto extremamente violenta, de reverter o processo que está a transformar a América no centro de um sistema-mundo - político, económico e cultural - em detrimento dos interesses estritamente nacionais e regionais americanos. Por um lado, a coligação heteróclita representada por Bill Clinton e o vice-presidente Al Gore: grupos minoritários (negros e hispânicos), as mulheres, os jovens executivos das finanças globalizadas, das tecnologias de ponta, do cinema e do audiovisual, as grandes empresas transnacionais, os defensores do meio-ambiente, os exportadores, os velhos da classe média que defendem os seus seguros de saúde e as suas reformas, os estados federais que lucraram com a liberdade de comércio e, sobretudo, boa parte da geração do baby boom que há muito rejeitou o tradicional provincianismo moralizante da sociedade americana.... Em suma, todos aqueles que beneficiaram da abertura da economia e da sociedade, aqueles que já vivem em parte sem fronteiras na cabeça e que apoiam a estratégia de envolvimento no mundo, realizada por um jovem presidente que declarou várias vezes que "já não há diferença entre política externa e interna".

Por outro lado, as vítimas da globalização: os trabalhadores brancos pouco qualificados, os estados federais que perderam indústrias e mercados com o livre-comércio e a revolução tecnológica, a direita religiosa apavorada com a "degradação dos costumes", os racistas e xenófobos que não suportam a transformação multicultural da sociedade americana, os velhos republicanos, nacionalistas e isolacionistas, que choram a desintegração da República numa América-mundo cosmopolita.

Foram estes que armaram o golpe e que fracassaram com a absolvição do presidente. Na era pós-Lewinski, a vida política americana será dominada pelos "internacionalistas" imperiais, aqueles que defendem um Executivo forte como um instrumento central para integrar o mundo em torno da potência dos Estados Unidos e promover regras de conduta universais inspiradas nos valores e regras americanas, políticas e económicas. São aqueles também que acreditam na relação directa com a opinião pública e num certo papel do Estado para redistribuir à plebe americana os frutos do livre comércio e da democracia de mercado. O republicano George Bush Jr., com o seu "conservadorismo com compaixão" e a sua fé na liberdade do comércio, e o vice-presidente Al Gore para os democratas são exemplos típicos desta nova raça de presidenciais.

## **A vitória do imperador**

A absolvição de Clinton está a acelerar a mutação dos Estados Unidos. O sucessor do actual presidente vai provavelmente conseguir obter novamente do Congresso a autorização de fast track para relançar as negociações comerciais -- na OMC, no processo ALCA com a América Latina e na APEC com a Ásia-Pacífico. A estratégia definida por Clinton de enlargement of market democracy através dos acordos comerciais será mantida e reforçada pelo próximo presidente, seja ele quem for. Por outro lado, a intervenção da NATO no Kosovo, além de amplamente justificada como resposta aos crimes cometidos pelo regime de Belgrado, está a definir a forma da nova liderança político-militar americana no mundo. Os próximos meses serão decisivos para a consolidação da Aliança Atlântica e a sua transformação num embrião de "força de polícia internacional" liderada por Washington. Portanto, é de se esperar uma Casa Branca ainda mais poderosa e intervencionista, nos campos tanto da política externa quanto da interna, beneficiando-se de bem maiores consensos num Congresso com uma oposição nacionalista - republicana e democrata - bastante enfraquecida.

O golpe falhado do caso Lewinski abriu o caminho para a ambição da nova elite imperial washingtoniana. Quanto ao imperador, o paradoxo é que a função em si saiu do furacão político muito mais protegida. Se o cargo de procurador especial - atribuído a Kenneth Starr para investigar Clinton - for mantido (o que não é nada seguro), os seus poderes serão consideravelmente reduzidos. E muitas águas vão rolar antes que um Congresso tente novamente atacar um presidente em exercício utilizando elementos da sua vida privada. O imperador dobrou o Senado: nesta era da passagem da República americana ao império universal foi César quem matou Brutus. E o povo aplaudiu. Morituri te salutant!